



XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

COTIDIANO ESCOLAR: OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Sidileide da Silva Santos¹
Jamile Jorge da Silva Ferreira²
Josiane dos Santos Amorim³

INTRODUÇÃO

O Brasil mesmo hoje, há séculos da abolição da escravidão ainda é um país onde o racismo persiste a ser uma questão que envolve muitos debates e inúmeras polêmicas, está evidente que permanece enraizado na sociedade atual. Segundo Santos (2001), o racismo se manifesta quando são atribuídos aspectos negativos de acordo a características físicas e culturais de um grupo.

Na sociedade brasileira as práticas preconceituosas acontecem constantemente e é muito comum a omissão. Essa ocorrência da omissão e de uma certa sutileza torna-se um problema, impactando a necessária seriedade ao seu combate. Dessa forma, é notório como o racismo se configura um crime que ainda sobrevive e está longe de ser erradicado até mesmo no ambiente escolar, onde deveria ser o local de desenvolvimento da conscientização e aceitação. A escola é, de certa forma, o primeiro ambiente onde as crianças tem um contato maior com o meio social, este processo de socialização estabelece relações com crianças de diferentes raças e classes, fazendo com que seja o início para os conflitos raciais.

Assim, a escola muitas vezes passa a ser o primeiro espelho onde a criança se vê negra, inferior e estranha diante dos outros, descobrindo que essa diferença étnico-racial é uma marca que carrega estereótipos dolorosos. Essa questão é confirmada por Ortiz (2005), ao afirmar que o preconceito está presente na escola, já nas series iniciais, a própria

1 Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus VI-Caetitê, Bahia, BRASIL. Endereço eletrônico: sidy.iga@gmail.com

2 Graduando do Curso de Ciências Biológicas, da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil. Endereço eletrônico: jorge.silva7766@gmail.com

3 Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Atualmente é docente substituta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus VI - Caetitê-BA, ministrando as disciplinas de Bioquímica Metabólica, Biofísica, Fundamentos de Química e Tópicos de Físicas. Endereço eletrônico: josy_live@hotmail.com



falta de materiais que tragam imagens positivas do negro, demonstra a discriminação sofrida pelas crianças na escola.

Não é se calando e dando prosseguimento normalmente a aula, como se tudo estivesse bem, que esse problema vai se resolver e teremos indivíduos consciente de suas atitudes. Precisa - se discutir o assunto e propor alternativas para que o racismo seja efetivamente erradicado, porque como é afirmado, ainda por Ortiz (2005), a negação ou apatia dos educadores em procurar soluções, as situações preconceituosas entre as crianças, reforçam os estereótipos e preconceitos.

Com base no pensamento de Munanga (2005), de que se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade. Então fica notório que o ambiente escolar influencia na construção da identidade do ser humano, já que a vivência em qualquer cotidiano de certa forma molda as posturas diante das experiências sociais.

Esse trabalho surgiu da necessidade de averiguar até que ponto as crianças inseridas em um novo cotidiano escolar, completamente diferente ao a qual estava acostumada, tem impactos na construção na sua identidade quanto criança negra. A pesquisa partiu das observações na escola municipal de Tamboril em Igaporã, Bahia, Brasil, em que recebem crianças advindas de comunidade remanescente de quilombo Gurunga e teve como objetivo central, analisar a influência das práticas racistas no ambiente escolar na construção da identidade negra de crianças quilombolas, bem como refletir sobre a postura dos professores diante dessa prática.

METODOLOGIA

O presente artigo resulta de uma pesquisa qualitativa, partiu através de observações realizada em uma escola Municipal do município de Igaporã – BA, nas turmas de terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental I em um total de 56 alunos sendo a maioria negros (Figura 01). As observações se deram no período de dois meses, de agosto a outubro de 2016. Os sujeitos da pesquisa são alunos remanescentes da Comunidade quilombola de Gurunga, localizada a 23 km da sede do município Igaporã, Bahia (Figura 02). A comunidade quilombola Gurunga, constituída por 245 pessoas reunidas em 90 famílias, conta com serviço de saúde precário, na educação é ofertado apenas o Ensino infantil, e o



Ensino Fundamental é disponibilizado à cerca de 10 km no Colégio Municipal de Tamboril, (Figura 03) distrito do Município de Igaporã, local onde a pesquisa foi desenvolvida.

Foi utilizada a observação participante, indicada por Lima & Pereira (2010, p.10) que se mostrou bastante eficaz ao deixar o pesquisador no campo de pesquisa observando a rotina dos sujeitos. Assim, esse método permitiu observar as relações entre os alunos do quilombo e destes com os demais alunos, bem como dos professores tanto com os alunos quilombolas, como com o alunado do próprio povoado.

Sabendo que os alunos brancos são apontados como mais bonitos da escola, até mesmo pelos próprios alunos negros, alegando que os acham mais bonitos pelo fato de terem cabelos lisos, narizes finos entre outras características, as observações tiveram o intuito de identificar a ocorrência e impacto desse tipo de prática na escola analisada. É como afirmado por Gomes (2002), foi a comparação dos sinais do corpo negro com os do branco europeu e colonizador que foi utilizado para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que mantém o racismo vivo até hoje.

Paralelo às observações houve diálogo com os próprios alunos, com os professores e com a direção do colégio afim de obter informações também acerca de como que a questão racial e negra é tratada, como determina a Lei 10.639/03.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Na escola escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa haviam alunos remanescentes do quilombo Gurunga, dos quais alguns eram seu primeiro ano ali, em um ambiente bem mais diverso do que conhecia, outros já estavam a 2 e/ou 3 anos. As salas de aula, eram mistas quanto a composição do alunado, porém em sua maioria os alunos eram negros.

Logo no início das observações surgiram de imediato os primeiros conflitos, palavras pejorativas tais como: carvão, preto fedido e negra maluca eram constantes e surgiram de formatural enquanto os alunos estavam na sala desenvolvendo alguma tarefa e/ou mesmo durante o intervalo, foi notório também a apatia e a falta de preparo dos professores diante a situação. Os alunos negros, vítimas das falas preconceituosas de seus colegas, em sua maioria ficavam constrangidos, quietos no canto, se mantendo por algumas horas sem interagir com a turma.

Houve ocorrências constantes na sala de aula como em toda a escola do *apartheid*,



onde negros sentam - se com negros e brancos com brancos, o que deixa evidente como a estética negra é apontada como inferior sendo motivo de comentários imbecis e discriminatórios, o que influencia de forma negativa na construção e aceitação da identidade negra, também foi presente na escola do povoado Tamboril.

Foi possível verificar em diversos momentos, que os alunos negros eram constrangidos por conta da cor da pele ou aspecto do cabelo, ocorrendo até mesmo durante as explicações do conteúdo, entre os exemplos visualizado, tivemos quando um aluno comparou o colega com a figura de um macaco ilustrado no livro, essa relação influência fortemente na autoestima do indivíduo. Entende-se que esse processo de discriminação racial vivida cotidianamente pelos alunos negros na sala de aula impede diretamente a construção de uma identidade racial positiva, uma vez que: a infância é um momento importante, pois, as crianças estabelecem relações com as outras pessoas e começam a formar a sua autoestima a partir do tratamento recebido nessas relações (FRANCO, 2012, p.13).

Em situações como estas o papel do professor torna - se indispensável na contribuição para o fim do racismo no ambiente escolar. O professor quando bem instruído sobre a lei Lei 10.639/03 e uma boa prática pedagógica tem a oportunidade de desenvolver um formidável trabalho de conscientização e identidade com seus alunos.

Nas observações foram raros os casos onde houve a intervenção dos professores acerca das discriminações ocorridas em sala. Também ficou evidente que a escola não desenvolve nenhum projeto para trabalhar as questões étnicos-raciais, uma vez que, maioria do público advém de comunidade quilombola. Sendo trabalhado estas questões apenas no dia da Consciência negra. Mas a cultura negra merece muito mais destaque, e precisa ser abordada de forma mais ampla que isso.



Figura 1. Alunos do Ensino Fundamental I.



Figura 2. Vista geral da comunidade Quilombola de Gurunga.



Figura 3. Colégio Municipal de Tamboril.



CONCLUSÃO

De acordo o obtido nesta pesquisa, verifica se que as relações desenvolvidas em sociedade, principalmente no ambiente escolar exerce forte influência na construção da identidade negra positiva em meio a esse cotidiano da sala de aula, onde se encontra alunos com complexo de superioridade e professores despreparados para lidar com tal situação, torna se praticamente impossível a contribuição para acabar com essa prática desumana.

Portando torna se imprescindível o investimento na formação dos professores para que atuem de forma descolonizante e antirracista na sala de aula.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Racismo. Identidade negra.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Nanci Helena. R. Imagens no espelho: percepção de adolescentes negros sobre o seu pertencimento étnico-racial. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6. 2012. São Cristóvão, SE. **Anais...** São Cristóvão, SE, [S.n.], 2012, p. 1-15.

GOMES, Nilma L. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**. São. Paulo, n. 6-7, p. 67-82, abril 1996.

LIMA, Maria da Glória, S. B.; PEREIRA, Vanderléa, A. A pesquisa etnográfica: construções metodológicas de uma investigação. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 6. 2010. Teresina. **Anais...** Teresina: EDUFPI, 2010, p. 1-13.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Revisada. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

ORTIZ, Cisele. Só não enxerga quem não quer: Racismo e preconceito na Educação infantil. **Revista Avisalá**, nº 23, nov, 2005.

SANTOS, Hélio. **A busca de um caminho para o Brasil**: A trilha do círculo vicioso. São



XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

Paulo: Editora Senac, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.